

MARIA, MÃE DOS EDUCADORES

*Prof. José Romaldo Klering**

Resumo

Da Igreja nascente aos nossos dias, Maria é o exemplo de acolhida dos desígnios de Deus e do seguimento de Jesus. Ela, Mãe e Mestre da Igreja peregrina, é Mãe e Modelo dos educadores.

Palavras-chave: Maria; Educadores; Fé; Seguimento; Igreja.

Abstract

Since the beginning of the Church until our days, Mary teaches us to accept God's purposes and how to follow Jesus. Mary is the Mother of the Church and the model of the educators.

Key words: Mary; educators; faith; Church.

Professamos na fé cristã que Maria, Mãe de Jesus de Nazaré, é modelo para todos, homens e mulheres, de modo particular aos educadores, desde a acolhida ao chamado de Deus, quando a convidou a ser a Mãe do seu Filho, até à presença junto à cruz e no cenáculo, estendendo sua maternidade à Igreja nascente.

A singularidade de Maria está em Deus que, nos seus infinitos desígnios, a escolheu na gratuidade absoluta do amor para ser a Mãe do seu Filho: “*Alegra-te, cheia de graça, o Senhor es-*

* Mestre em Teologia, Professor da FATEO – PUCRS.

tá contigo!...Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai” (Lc 1, 28b.30c-32) e, por isso, desde a concepção, a revestiu da plena humanidade e a libertou dos dualismos, rupturas e contradições a que, na condição humana, estamos sujeitos¹. A ela foi dado viver e manifestar plenamente a presença ímpar e intensa da Salvação de Cristo, já no tempo presente, o que está prometido para todos nós no fim dos tempos².

Da experiência das primeiras comunidades cristãs aos relatos nos textos do Evangelho, mais explicitamente no de Lucas, se confirma Maria como agraciada especial enquanto escolhida entre nós pelo Deus que se faz Homem. Os Apócrifos e os textos da Tradição³, desde a mais tenra idade da cristandade, partilham dessa convicção, da qual somos herdeiros também nós, hoje⁴.

¹ TIAGO DE BATNA: “A cheia de beleza, seja por natureza, seja por própria vontade, a qual não foi nunca profanada por desejos impuros, tinha permanecido desde a infância sempre imaculada na justiça e tinha constantemente caminhado na estrada reta sem erros, sem tropeços. Cada dia permanecia nela a natureza incorrupta, a vontade orientada ao bem, a virgindade do corpo e a santidade da alma (...) Se houvesse na sua alma só uma mancha ou erro, Ele teria escolhido uma outra mãe, uma mãe sem mancha” (Abbelos 217).

² Lumen Gentium, n° 65: “Enquanto na Beatíssima Virgem a Igreja já atingiu a perfeição, pela qual existe sem mácula e sem ruga (cf. Ef. 5,27), os cristãos ainda se esforçam para crescer em santidade vencendo o pecado. (...) Pois Maria, entrando intimamente na história da salvação, une em si de certo modo e reflete as supremas normas da fé. Quando é proclamada e cultuada, leva os fiéis ao seu Filho, ao sacrifício do Filho e ao amor do Pai”.

³ Idem, n° 66: “Com efeito, desde remotíssimos tempos a Bem-aventurada Virgem é venerada sob o título de Mãe de Deus, sob cuja proteção os fiéis se refugiam súplices em todos os seus perigos e necessidades”.

⁴ “SANTO AGOSTINHO, respondendo a Pelágio: “Exceto, portanto, a santa Virgem Maria, porque por honra do Senhor (propter honorem Domini) eu quero que ela não entre absolutamente em questão, quando se fala de pecca-

Maria testemunha em sua vida a plena humanidade, à qual aspiramos todos. Olhamos para ela e nos vemos refletidos nela. A nossa meta, porquanto buscamos construir uma vida com sentido, consiste em desenvolver-nos o mais plenamente possível em todos os níveis e dimensões daquilo que é ser humano. Algo, ao mesmo tempo latente em nós, como constitutivo do nosso ser e um desafio a ser alcançado no empenho incansável de todos os dias, com a ajuda dos outros. A mãe de Jesus é modelo que, de um lado, nos permite o conforto na avaliação dos avanços realizados e, de outro, nos remete a metas maiores a pedir-nos para não esmorecer e não desistir diante das dificuldades.

Nos episódios da sua vida, narrados no Evangelho, ela aparece em processos de interação que manifestam um horizonte pedagógico a nos remeter para atitudes pessoais significativas e à construção de relações interpessoais maduras, de reciprocidade, valorização das diferenças e que considera, como ponto de partida, o lugar em que cada um se encontra. Ela faz da sua vida um processo progressivo de entrega a Deus e ao seu projeto, passando por diversas etapas, do “sim” adolescente à Discípula modelo do Filho Ressuscitado. Caminheira no caminho da fé e da perfeição, por um lado e de outro, modelo por causa da sua escolha por parte de Deus e de sua santidade pessoal⁵.

dos. Nós sabemos que a ela foi concedida maior graça para vencer sob todos os aspectos o pecado, porque ela mereceu conceber e gerar Aquele do qual é sabido que não teve nenhum pecado” (De Natura et gratia 36, 42).

⁵ Lumen Gentium, nº 61: “*Predestinada desde a eternidade junto com a Encarnação do Verbo divino, como Mãe de Deus, por desígnio da Providência divina, a Bem-aventurada Virgem foi nesta terra a sublime mãe do Redentor, singularmente mais que os outros Sua generosa companheira e humilde serva do Senhor. Ela concebeu, gerou, nutriu a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, compadeceu com seu Filho que morria na cruz. Assim de modo inteiramente singular, pela obediência, fé, esperança e ardente caridade, ela cooperou na obra do Salvo para a restauração da vida sobrenatural das almas. Por tal motivo ela se tornou para nós Mãe na ordem da graça”.*

A reação diante do comunicado de que fora a escolhida para ser a mãe do Messias já o ilustra: num contexto de ansiosa expectativa messiânica, o anúncio da escolha não a faz perder-se em deslumbramento e esquecer-se da realidade objetiva e culturalmente contextualizada em que se encontrava.

Antes de decidir-se, na liberdade, pede explicações para entender melhor o significado e o alcance da saudação que lhe estava sendo dirigida. A decisão implica coragem. Supõe, por isso, consciência e discernimento: “*Maria, porém, disse ao anjo: ‘Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem?’ O anjo respondeu: ‘O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice, e este é o sexto mês para aquela que chamavam de estéril. Para Deus, com efeito, nada é impossível’*” (Lc 1, 34-37). Satisfeita com a explicação e o alcance do seu conteúdo, aceita o que Deus lhe propõe e se compromete a fazê-lo na radicalidade do seu ser: “*Disse, então, Maria: ‘Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra’ E o anjo retirou-se*” (Lc 1, 38).

Assume as conseqüências da sua opção e vai ocupando o espaço que a resposta afirmativa à assertiva do Senhor lhe abriu. Embora tendo sido por iniciativa, obra e graça de Deus, a sua decisão a coloca, para sempre, em uma posição única diante de toda a humanidade, como o expressa no *Magnificat*, anunciando a ação transformadora de Deus na história, lembrando e proclamando a fidelidade deste Deus a seu povo: “*Maria, então, disse: ‘A minha alma engrandece o Senhor, e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador, porque olhou para a humilhação de sua serva. Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada, pois o Todo-poderoso fez grandes coisas por mim...dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a*

famintos, e despediu ricos de mãos vazias. Socorreu Israel, seu servo, lembrado de sua misericórdia...’’ (Lc 1, 46-49.51b-54)⁶.

Acreditar e acolher o convite para ser a Mãe do Salvador a tornou portadora da promessa de Deus, como o diz Isabel ao saudá-la (Lc 1, 45). Esta abertura total à vontade do Senhor a colocou na sua presença de maneira totalmente nova e distinta. Porém, essa relação íntima com o Absoluto vai colocá-la também numa relação nova e incomparável diante dos seus semelhantes: é nela e por meio dela que o Todo-poderoso assume a condição humana, fazendo-se um de nós em tudo, menos no pecado, que é a negação da presença de Deus.

O exemplo de Maria remete à missão dos educadores; assumir-se como irmão maior e colocar-se por inteiro a serviço das necessidades dos educandos é o que se requer dos mesmos, em todos os graus de ensino, fazendo uso da experiência e da formação como subsídios abalizando sua ação e não como meios coercitivos ou de vitupério.

O contexto na narrativa que Lucas faz da visita de Maria, sugere que ela tenha permanecido com Isabel até ao nascimento e à circuncisão de João Batista⁷. A fé incondicional no amor misericordioso de Deus foi traduzida em humildade e serviço, colocados a favor de quem precisa, expressando alegria e reconhecimento dos dons recebidos na gratuidade do amor de Deus e partilha da expectativa diante do novo que daí advém. A capacidade

⁶ Papa Bento XVI – Carta Encíclica *Deus Caritas est*, nº. 41: “*Magnificat anima mea Dominum – A minha alma engrandece o Senhor’* (Lc 1, 46), disse ela por ocasião de tal visita, exprimindo, assim, todo o programa de sua vida: não colocar-se a si mesma ao centro, mas dar espaço ao Deus que encontra tanto na oração como no serviço ao próximo – só então o mundo se torna bom”.

⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Edições Paulinas, 1980, p. 1345: “*Maria permaneceu provavelmente com Isabel até o nascimento e a circuncisão de João. Lc esgota o assunto antes de passar a outro (cf. 1,64-67; 3, 19-20; 8, 37-38)*”.

para ser plenamente gente nasce com as pessoas, como um presente, e desenvolvê-la é o grande desafio a ser perseguido vida afora, num esforço pessoal perseverante e na interação com os outros. São eles que nos permitem desenvolver a noção de nós mesmos, da nossa identidade. O processo de individuação se dá na mediação social.

A educação é um espaço de construção e ao educador cabe, por dever de ofício, coordená-lo colaborativamente. Quando conduz pela mão deve ser para que o educando aprenda a caminhar sozinho, quando apóia, para que o apoiado aprenda a se equilibrar e se lance em aventuras próprias que só ele poderá realizar, ocupando o seu espaço e realizando a sua vida. Isso requer atenção constante para desenvolver a sensibilidade suficiente, a fim de perceber as necessidades de cada aluno confiado à sua diligência. A fé traduzida em zelo, para que a todos sejam proporcionadas as mesmas possibilidades atentando, portanto, para as diferenças pessoais, socioeconômicas e culturais.

Ao educador cabe escutar para além das palavras pronunciadas e ler nas entrelinhas das atitudes; perceber por trás de cada expressão uma história carregada de experiências de afeto, carinho e amor e numa frequência não-desejável também o contrário, rejeição, indiferença; vítimas de rancores, da falta de tempo, de interesse, de condições dignas para uma vida saudável, física, psíquica e espiritual. A fé, por um lado, adesão a Jesus e, por outro, vivência do seu projeto, implica empenho efetivo e permanente para, já no tempo presente, todos se sentirem acolhidos e estarem de fato participando da nova humanidade e do novo tempo, inaugurado e confirmado no mistério da Páscoa.

A par disso, o educador vive suas próprias dificuldades, as quais precisa resolver adequadamente, tanto no que tange ao desenvolvimento pessoal quanto ao referente às relações familiares e sociais. Aprendemos de Maria a necessidade de pôr-nos à escuta. Buscar respostas, não obstante as contradições e não sucumbir a elas: “*Maria, contudo, conservava cuidadosamente to-*

dos esses acontecimentos e os meditava em seu coração” (Lc 2, 19). Escutar os outros e a Deus que fala através deles e de muitas outras maneiras.

É imprescindível dar ao outro o tempo de que precisa, de acordo com o seu ritmo para aprender e para partilhar, cultivando um profundo silêncio, ainda que na correria e na fragilidade da vida agitada para que o verdadeiro, o que queremos que realmente seja, o que nos impulsiona para a frente, possa aflorar e ocupar o seu lugar sempre de novo na nossa vida: *“Eles, porém, não compreenderam a palavra que lhes dissera (...). Sua Mãe, porém, conservava a lembrança de todos estes fatos em seu coração” (Lc 2, 50.51b).*

De Maria o educador aprende a importância da humildade, que nada tem a ver com subserviência ou baixa auto-estima. É o saber dar lugar ao outro, para que se desenvolva. Padronizar menos, abrindo espaço às diferenças, enriquecendo, assim, a todos com os acréscimos que cada um traz. Discernir quando é hora de interferir e quando é ocasião para deixar crescer e ser surpreendido, porque foi além de todas as expectativas, nos superou ou conseguiu chegar agora onde pensávamos que chegaria só muito mais tarde.

Mediadora, Maria aproxima Jesus às pessoas e estas a ele. No episódio das *Bodas de Caná*: *“Como não houvesse mais vinho, a Mãe de Jesus lhe disse: ‘Eles não têm vinho’. Respondeu-lhe Jesus: ‘Que temos nós com isso, mulher? Minha hora ainda não chegou’. Sua Mãe disse aos serventes: ‘Fazei tudo o que vos disser’” (Jo 2, 3-5), encaminha a Jesus, na imagem do vinho que faltou – acabando com a festa, com a reputação de quem a organizou e com a alegria dos convidados – a nós todos, nas diversas situações que a vida nos coloca e na diversidade de papéis que desempenhamos, de protagonistas a expectadores, de partícipes anônimos a membros ativos da comunidade.*

Os Fundadores das Ordens Religiosas dedicadas à educação, assim como outros, dedicam à intercessão de Maria uma das suas principais expressões de devoção, expressando uma efetiva confiança filial⁸. Neste sentido, São Marcelino Champagnat, por exemplo, fez de Nossa Senhora a padroeira do Instituto e primeira Superiora⁹.

No cristianismo, a fé em Deus se traduz, necessariamente, em solidariedade com os outros, especialmente com os mais desvalidos, com necessidades de qualquer ordem. Ao Deus, único na unidade perfeita do Amor e na diferença das Pessoas da Trindade, se serve construindo relações de partilha e de ajuda recíproca, para o pleno desenvolvimento de todos, em todos os níveis e dimensões.

Encontramos Maria solidária ao pé da cruz de Jesus e essa solidariedade ele a repassa a todos os seguidores: “*Jesus, então, vendo a sua Mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua Mãe: ‘Mulher, eis aí o teu filho!’*” (Jo 19, 26), ao mesmo tempo que estende a estes a maternidade da sua Mãe: “*Depois disse ao discípulo: ‘Eis a tua Mãe!’ E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa*” (Jo 19, 27).

É testemunha fiel em Jerusalém, após a ascensão, unida com os doze na missão de levar adiante o projeto de Jesus: “*Tendo entrado na cidade, subiram à sala superior, onde habitualmente ficavam. Eram Pedro, João, Tiago, André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão Zelote e Judas, filho de Tiago. Todos, unânimes, eram assíduos à oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, Mãe de Jesus,*

⁸ Lumen Gentium, n. 142: “(...) Mantêm-se por isso em seu direito as opiniões que nas escolas católicas se propõem livremente acerca daquela que na Santa Igreja ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e o mais perto de nós”.

⁹ Irmão Demétrio André (Nardier João Orsi). Quem é Champagnat? Porto Alegre: EPECÊ, 2006, p. 23: “*Maria, mãe de Deus, a medianeira de todas as graças, nos leva a Jesus. Daí a escolha do lema Marista: ‘Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus’*”.

e os irmãos dele” (At 1, 13-14). Ela continuava sua maternidade agora na Igreja nascente. Como modelo de fé para aqueles que agora vão anunciar o Filho como Salvador do mundo aos judeus e às nações, ao longo dos tempos.

Inspirado em Maria, ao educador caberia desenvolver seu trabalho confrontando limitações e carências, suas, dos alunos, das famílias, das instituições, sabendo que isso se constitui em desafio para a construção de alternativas, de descoberta de saídas onde, à primeira vista, tudo parecia estabelecido. Lançar-se para além do imediato, com empenho e parceria é um dos diferenciais característicos que se esperam dele. Maria, *a boa mãe*, interceda por ele!